

# As metáforas do *coração* nos discursos do Papa Francisco

## Heart metaphors in Pope Francis' speeches

Jean Michel Pimentel Rocha<sup>1</sup>

jeanpimentel@gmail.com

Universidade Estadual Paulista

Adriane Orenha-Ottaiano<sup>1</sup>

adriane@ibilce.unesp.br

Universidade Estadual Paulista

Marilei Amadeu Sabino<sup>1</sup>

amadeusm@ibilce.unesp.br

Universidade Estadual Paulista

---

**RESUMO** - Neste artigo, fundamentados no referencial teórico da linguística de *corpus*, da fraseologia e da semântica cognitiva, objetiva-se analisar, em um *corpus* constituído pelos discursos proferidos pelo Papa Francisco, no período de 2013 a 2015, os significados metafóricos que emergem dos fraseologismos, especialmente colocações e expressões idiomáticas que têm como nóculo o item lexical *coração*. Com o auxílio do programa *WordSmith Tools*, um grande número de combinações com elevado potencial metafórico foi extraído, o que nos permitirá argumentar, por meio das discussões e análises empreendidas, que o item lexical *coração* é concebido, entre outras coisas, como um repositório de emoções a partir do qual podem se originar várias metáforas conceituais.

**Palavras-chave:** metáfora, colocações, expressões idiomáticas.

**ABSTRACT** - This paper, based on the theoretical background of Corpus Linguistics, Phraseology, and Cognitive Semantics, aims at analyzing, in a corpus compiled from Pope Francis' speeches, from 2013 to 2015, the metaphorical meanings emerged from phraseologisms, especially collocations and idioms which have as node the lexical item *heart*. With the help of the software WordSmith Tools, a large number of high metaphorical potential combinations were extracted. This result will allow us to argue, throughout the discussions and analysis carried out, that the lexical item *heart* is conceived, among other things, as a repository of emotions from which a lot of conceptual metaphors may arise.

**Keywords:** metaphor, collocations, idioms.

---

## Introdução

Esta investigação surgiu da curiosidade de se averiguar quais as metáforas mais recorrentes nos discursos proferidos pelo Papa Francisco, considerando a densa riqueza metafórica presente nos textos religiosos. Para isso, compilamos seus discursos entre 2013 e 2015, em busca das expressões metafóricas mais comuns. Ao percorrermos a lista de palavras-chave, gerada pelo programa *WordSmith Tools* (Scott, 2012), o item lexical *coração* chamou-nos a atenção. Em uma rápida observação das linhas de concordância, detectamos o potencial metafórico

dessa lexia, aparecendo, em geral, em fraseologismos como colocações e expressões idiomáticas.

A nosso ver, trabalhos como este contribuem para o reconhecimento da ubiquidade da metáfora em línguas distintas. De um ponto de vista sócio-político, permitem-nos caracterizar o discurso religioso, especialmente o da Doutrina da Igreja Católica, o qual lança mão das metáforas como forma de propagação de uma mensagem de fé. De um ponto de vista linguístico, é possível mapear e mostrar a riqueza dos sentidos e significados que emergem das metáforas estruturadas nas colocações e expressões idiomáticas que têm como nóculo o item lexical *coração*.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Campus de São José do Rio Preto. Rua Cristóvão Colombo, 2265, Jardim Nazareth, 15054-000, São José do Rio Preto, SP, Brasil.

Apresentamos, aqui, as etapas que possibilitaram a identificação dessas metáforas. Iniciamos pelas teorias que embasaram a nossa investigação, descrevendo, em seguida, os passos metodológicos utilizados e, por fim, analisando e discutindo os resultados.

## Embasamento teórico

Este trabalho é de natureza interdisciplinar. Para desenvolvê-lo, contamos com o apoio do aporte teórico da Linguística de Corpus, da Fraseologia e da Semântica Cognitiva. O arcabouço teórico e as ferramentas de análise da Linguística de Corpus foram fundamentais para esta pesquisa, abrindo caminho para o levantamento das combinatórias. A Fraseologia também nos deu aporte para identificarmos as colocações e as expressões idiomáticas do *corpus* de estudo. A Semântica Cognitiva, por sua vez, ofereceu-nos subsídios para o reconhecimento e a distribuição dos fraseologismos em metáforas conceituais. Nas seções que se seguem, discorreremos brevemente sobre cada uma dessas perspectivas.

## A Linguística de Corpus

A Linguística de Corpus (doravante LC) dedica-se à descrição dos fenômenos linguísticos via *corpora* eletrônicos. Caracteriza-se por ser uma abordagem empírica que privilegia a autenticidade dos dados. Além disso, lança mão de ferramentas computacionais, a exemplo dos concordanciadores, tais como *WordSmith Tools* (Scott, 2012) e *AntConc* (Anthony, 2014), que permitem lidar com técnicas quantitativas e qualitativas para a análise.

Conforme explicitado por Berber Sardinha (2004), a abordagem empirista, que tem Halliday (1991) como um de seus precursores, concebe a linguagem como um sistema de probabilidades, no qual certos traços linguísticos de fato ocorrem e outros apenas são possíveis em teoria. A ocorrência ou não desses traços pode ser verificada por meio de um *corpus*, definido por Sanchez (1995) como:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum dos seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (Sanchez, 1995, p. 9-8 in Berber Sardinha, 2004, p. 18).

Tomando por base essa concepção de linguagem como sistema probabilístico, lançamo-nos à busca de pa-

drões metafóricos em nosso *corpus* de estudo. Presumimos que os discursos proferidos pelo Papa Francisco fossem uma rica fonte de metáforas que, uma vez compilados em um *corpus* e manipulados eletronicamente, poderiam nos dar acesso a uma grande quantidade delas. Nossa suposição se mostrou verdadeira, conforme poderá ser observado na análise dos dados desta investigação. Desse modo, ao analisar a lista de palavras-chave, notamos que a palavra *coração* aparecia 761 vezes. Percorrendo e analisando previamente as linhas de concordância, encontramos vários padrões que poderiam ser fraseológicos e metafóricos. Assim, fizemos um paralelo com as abordagens em LC propostas por Tognini-Bonelli<sup>2</sup> (2001) – Abordagem Baseada em Corpus (*Corpus Based Approach*) e a Abordagem Orientada pelo Corpus (*Corpus Driven Approach*) – e entendemos que nosso estudo, de certa forma, incorpora características de ambas, visto que ao mesmo tempo em que busca no *corpus* a comprovação de um fato, também encontra nele evidências previamente desconhecidas. Fomos, então, guiados pelo *corpus*. Não buscávamos exatamente pela palavra *coração*; o dado escolhido só foi possível graças ao *corpus* e às ferramentas de análise no âmbito da LC.

Ao descrever a linguagem orientando-se pelo seu caráter probabilístico, a LC mostra o quanto ela é padronizada e como tais padrões são recorrentes. Destacam-se, nesse aspecto, os trabalhos desenvolvidos por Sinclair (1991) em relação às associações estabelecidas pelas palavras, sejam lexicais (colocações) ou gramaticais (coligações). Nesse contexto, a LC apresenta-se como uma abordagem que muitas contribuições trouxe para a descrição de padrões linguísticos, principalmente padrões lexicais, revolucionando áreas como a Lexicografia e, é claro, a Fraseologia. Combinações recorrentes outrora relegadas, a exemplo das colocações, voltam a ter amplo espaço nos estudos sobre o léxico.

## As colocações e as expressões idiomáticas

As colocações e as expressões idiomáticas, além de outras combinações lexicais recorrentes nas línguas como os verbos frasais, os provérbios, as frases feitas, entre outras, são objetos de estudo da Fraseologia, disciplina que se debruça sobre o estudo das propriedades que caracterizam os fraseologismos. Trata-se, conforme argumenta Ruiz Gurillo (1997), de uma área interdisciplinar que estabelece diálogos com áreas vizinhas tais como a Lexicologia, a Lexicografia, a Paremiologia e a Sintaxe. Como afirmamos, mantém estreita relação com a Linguística de Corpus, e também possui laços com a Semântica Cognitiva.

<sup>2</sup> Da perspectiva teórica de Tognini-Bonelli (2001), a pesquisa com *corpora* pode ser conduzida a partir de duas abordagens, a Abordagem Baseada em Corpus (*Corpus Based Approach*) e a Abordagem Orientada pelo Corpus (*Corpus Driven Approach*). De forma geral, a primeira abordagem pode ser entendida como um estudo que lança mão de *corpora* para testagem e validação de uma hipótese. A segunda abordagem, por sua vez, concebe o *corpus* para além de um repositório de exemplos que visa atestar um postulado teórico. Nessa abordagem, um postulado teórico decorre das evidências encontradas no *corpus*.

De acordo com Zuluaga (1980), os fraseologismos são expressões que apresentam como traço constitutivo a fixação, isto é, seus constituintes caracterizam-se por certa estabilidade sintático-semântica e, em geral, não são comutáveis e não se separam, funcionando como uma única unidade de sentido, razão pela qual são também denominados unidades fraseológicas. Diferentemente das combinações livres – produtos sincrônicos da língua – as “expressões fixas se reproduzem em bloco, são construções anteriores ao ato de fala que não as cria, mas que as repete [...] são produtos de processos de repetição na diacronia da língua” (Zuluaga, 1980, p. 16, tradução nossa).

Embora essa definição seja pertinente, parece mais voltada aos fraseologismos prototípicos como as expressões idiomáticas. Desse modo, ressaltamos que alguns fraseologismos, como as colocações, são combinações que, apesar de poderem apresentar certa restrição combinatória e, em alguns casos, certo grau de idiomaticidade em pelo menos um de seus constituintes, são produzidos conforme as regras vigentes da língua.

Dessa forma, de acordo com as ideias de Ruiz Gurillo (1997), os fraseologismos são unidades não-discretas, isto é, não há uma fronteira claramente delimitada entre eles, já que suas propriedades distribuem-se gradualmente ao longo de um contínuo.

Pensando então em um contínuo de fraseologismos, podemos afirmar que em um dos seus extremos encontram-se os que se caracterizam por se combinarem livremente no eixo paradigmático da língua e, no outro extremo, aqueles que permitem pouca ou nenhuma variação. Os traços que acabam influenciando na distribuição dessas combinatórias ao longo do contínuo são a idiomaticidade e a fixidez (Ruiz Gurillo, 1997). Considerando o grau de idiomaticidade e fixidez, tem-se as expressões idiomáticas (EIs) como protótipo de fraseologismo, combinação de palavras que, dado seu caráter idiomático, é marcada pela não composicionalidade, isto é, seu significado não é resultante da soma dos seus elementos constitutivos, mas metaforicamente motivado (Ruiz Gurillo, 1997). Ao atingirem grau máximo de fixidez e idiomaticidade, as EIs se encontram em um extremo do contínuo.

Do outro lado do contínuo, na parte mais próxima das combinações livres, podemos encontrar as colocações, “unidades fraseológicas que, do ponto de vista do sistema da língua, são sintagmas completamente livres, gerados a partir de regras, mas que, ao mesmo tempo, apresentam certo grau de restrição combinatória determinada pelo uso” (Corpas Pastor, 1996, p. 53, tradução nossa). Em conformidade com essa autora, o que distingue as colocações das combinações livres é a fixidez no uso. Dessa forma, a estabilidade dessas combinações se explica, em termos coserianos, no nível da norma e não do sistema de oposições funcionais. As colocações são, assim, realizações das possibilidades do sistema (Corpas Pastor, 1996).

Essas unidades fraseológicas permeiam nosso cotidiano e influenciam a forma com que vivenciamos e categorizamos nossa realidade. Nesse sentido, somos favoráveis à visão de que elas “refletem, especialmente, por sua natureza metafórica, a história, a cultura e a forma de pensar de determinada comunidade, elas constituem a síntese dos valores espirituais, dos costumes e da idiosincrasia de um povo” (Ortíz Alvarez, 2000, p. 126). Além disso, em nosso estudo, sustentamos que as metáforas – com seu valor emotivo, descritivo e cognitivo (Ortíz Alvarez, 2000) – subjacentes aos fraseologismos que têm como núcleo a palavra *coração*, oferecem pistas acerca da organização do nosso sistema conceitual. Discutimos um pouco melhor sobre essa questão na seção seguinte.

### **Semântica Cognitiva e metáfora**

A Linguística Cognitiva e, conseqüentemente, a Semântica Cognitiva, têm seu surgimento relacionado a controvérsias teóricas no âmbito da Linguística Gerativista, decorrente, principalmente, de discussões acerca do papel da semântica e da gramática no sistema linguístico. Alguns linguistas (entre eles G. Lakoff), descontentes com o papel secundário da semântica na teoria gerativa, iniciaram um movimento em favor da redefinição da semântica nesse sistema (Feltes, 2007).

A Semântica Cognitiva tem laços estreitos com a Linguística Cognitiva, subárea da Ciência Cognitiva – ciência da mente e do cérebro (Lakoff e Johnson, 1999 in Feltes, 2007, p. 26). É na segunda geração da Ciência Cognitiva, conhecida como geração da mente corporalizada, que ela começa a se definir, a partir da ideia de que:

há uma forte dependência de conceitos e razão sobre o corpo; a conceptualização e a razão têm como eixo processos imaginativos como metáfora, metonímia, protótipos, frames, espaços mentais e categorias radiais (Feltes, 2007, p. 74).

Interessam-nos, neste trabalho, os processos imaginativos metafóricos e metonímicos, especialmente aqueles idealizados por Lakoff e Johnson (1980). Esses autores nos mostram que a metáfora vai muito além de uma figura de linguagem típica de textos literários; ao contrário, povoam nosso dia-a-dia, organizando nossas ações e pensamentos.

A tese defendida por eles é a de que nosso sistema conceitual é, em grande parte, metafórico por natureza, conseqüentemente, nosso agir e experienciar o mundo também é uma questão de metáfora. O falante, porém, nem sempre é consciente do funcionamento desse sistema, agindo, de certa forma, no modo automático. Entre as metáforas que o organiza, podem-se citar as metáforas estruturais, as orientacionais e as ontológicas (Lakoff e Johnson, 1980).

As primeiras organizam um conceito em termos de outro. O exemplo clássico é a metáfora conceitual

*argument is war* (discussão é guerra). Em nossa cultura, o léxico de expressões linguísticas cotidianas como *I demolished his argument* (destruí seu argumento), *he attacked every weak point in my argument* (ele atacou cada ponto fraco da minha argumentação), *I've never won an argument with him* (nunca ganhei uma discussão dele) evidenciam como estruturamos nosso discurso por meio da metáfora. Nas palavras de Lakoff e Johnson (1980, p. 5, tradução nossa), “a essência da metáfora é entender e experienciar uma coisa em termos de outra”. Dessa forma, retomando a metáfora mencionada, parte do conceito de guerra é metaforicamente transferido para a discussão.

Enquanto nas metáforas estruturais fala-se em um conceito em termos de outro, as metáforas orientacionais organizam todo um sistema conceitual em relação a outro. Elas estão relacionadas a orientações espaciais tais como cima/baixo, dentro/fora, frente/trás, fundo/raso, centro/periferia. Tais metáforas não são arbitrárias e possuem base em nossas experiências físicas e culturais. *Happy is up* (feliz é para cima) é uma metáfora orientacional em que a um conceito é dada uma orientação espacial, resultando em construções como *I'm feeling up today* (estou me sentindo pra cima hoje) (Lakoff e Johnson, 1980).

Por meio das metáforas ontológicas, nossas experiências são entendidas em termos de objetos e substâncias, as quais podem ser referidas, categorizadas, agrupadas, quantificadas e também racionalizadas. Quando se trata desse tipo de metáfora, o corpo assume papel central em uma grande variedade delas. Usamos nossa estrutura corporal para expressar metáforas ontológicas em enunciados como *my mind just isn't operating today* (minha mente simplesmente não está funcionando hoje), *we've been working on this problem all day and now we're running out of steam* (estivemos trabalhando nesse problema o dia inteiro e agora as nossas energias estão se esgotando). Nesse caso, concebemos o funcionamento de nossa mente como uma máquina com suas respectivas funções (nível de eficiência, produtividade, condições operacionais, mecanismos internos etc). Assim, temos a metáfora ontológica: *the mind is a machine* (a mente é uma máquina), elaborada a partir da metáfora *a mente é uma entidade* (Lakoff e Johnson, 1980).

Uma metáfora ontológica bastante produtiva em nosso *corpus* foi a metáfora do recipiente (*container metaphor*). Em consonância com Lakoff e Johnson (1980, p. 29, tradução nossa),

Somos seres humanos, delimitados do resto do mundo pela superfície de nossa pele, e experienciamos o resto do mundo como algo externo a nós. Cada ser humano é um recipiente com superfície delimitada e com uma orientação dentro-fora. Projetamos nossa orientação dentro/fora em outros objetos físicos também demarcados por superfícies. E também os enxergamos como recipientes com limites dentro-fora.

De acordo com os pesquisadores, essa projeção também se estende ao nosso ambiente natural, e mesmo quando não há uma demarcação natural, limites são impostos. Uma vez colocada a demarcação, o passo seguinte é a quantificação. Sejam objetos com contornos delimitados, seres humanos, rochas ou superfícies terrestres, todos podem ser quantificados em termos da substância que contém (Lakoff e Johnson, 1980).

Os processos ontológicos estendem-se à personificação e à metonímia. Tem-se a personificação quando a objetos/entidades não humanas são atribuídas características humanas. Por outro lado, a metonímia ocorre quando se utiliza uma entidade para referir-se a outra à qual se faz referência. Um tipo especial de metonímia é aquela em que se usa a parte pelo todo. Lakoff e Johnson (1980) esclarecem que tanto a metonímia quanto a metáfora estruturam nosso sistema conceitual e se fundam em nossa experiência; a diferença básica é que a metáfora tem como função primordial a compreensão, já na metonímia, embora tenha função de compreensão, prevalece a função referencial.

### Aspectos metodológicos

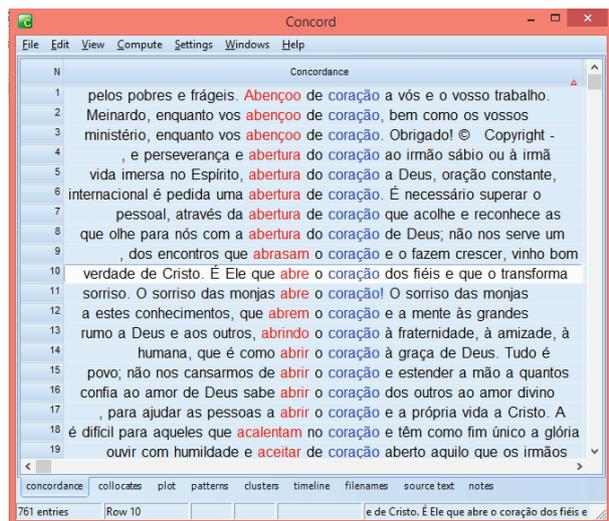
Nosso *corpus* de estudo compõe-se pelos discursos do Papa Francisco traduzidos para o português, disponibilizados no *site* oficial da Santa Sé<sup>3</sup>, proferidos durante os anos de 2013, 2014 e primeiro semestre de 2015, totalizando 414 pronunciamentos (118, em 2013; 194, em 2014; e 102, em 2015).

Salvamos os textos, originalmente em pdf, no formato txt., para extração das combinatórias por meio do programa de análise lexical *WordSmith Tools* (Scott, 2012) e de suas ferramentas básicas *WordList*, *Concord* e *KeyWords*.

Utilizamos, inicialmente, a ferramenta *WordList* para criarmos uma listagem das palavras que compõem o *corpus*. Conforme dados dessa listagem, identificamos que nosso *corpus* é formado por cerca de 494.391 palavras (*tokens*). A lista corrida não era muito útil para nós, visto que apresentava todas as palavras do *corpus* (gramaticais e lexicais) e, dado o seu tamanho, teríamos dificuldades em buscar por vocábulos com alto potencial metafórico. Decidimos, então, salvá-la no formato *lst.*, com o objetivo de criar uma lista de palavras-chave, as *KeyWords*. Essa ferramenta, como o próprio nome sugere, cria, com base na *WordList* e em um *Corpus* de Referência, uma lista de palavras que são chave no *corpus* que está sendo investigado. O programa disponibiliza 500 palavras-chave. Em uma observação inicial, retirando algumas palavras gramaticais que ainda apareciam, a palavra *coração* de imediato nos chamou a atenção. Era a 29ª palavra em ordem de chavidade (*keyness*), ocorrendo 761 vezes.

<sup>3</sup> Site oficial da Santa Sé em português: <http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>

Para averiguar seu potencial metafórico, buscamos pelas linhas de concordância da ferramenta *Concord*, como ilustrado na Figura 1.



**Figura 1.** Linhas de concordância para o nódulo *coração*.  
**Figure 1.** Concordance lines for the node heart.

Detectada a riqueza metafórica que poderia surgir a partir de várias combinações – expressões idiomáticas e colocações – decidimos organizar tais ocorrências em um arquivo do *Microsoft Word* e agrupá-las em possíveis metáforas conceituais. Os resultados dessa busca serão discutidos na sequência.

## Metáforas do coração: análise e discussão

Ao interpretar uma série de ocorrências com a lexia *coração*, verificamos que este, na grande maioria dos casos, foi utilizado metaforicamente. Dessa forma, *coração* não se referia ao órgão responsável pela pulsação sanguínea, mas a um lugar, considerado por muitos, o cerne das nossas emoções. Nesse contexto, assim como Pérez (2008) e Barbosa (2014), observamos, em nossas análises, que o *coração* é um repositório de emoções. Além disso, em conformidade com Lakoff e Johnson (1980), conseguimos classificar os padrões levantados em metáforas conceituais, principalmente do tipo ontológicas, como veremos a seguir.

### O coração é um recipiente

Conforme mencionamos, a metáfora do recipiente foi bastante produtiva em nosso *corpus*. Ela se materializa linguisticamente pelos fraseologismos formados por *coração*. Assim sendo, em consonância com Lakoff e Johnson (1980), argumentamos que o *coração é um recipiente*. É uma metáfora ontológica em que concebemos o *coração* como um berço onde está depositada uma gama de emoções.

Percebemos essa metáfora na expressão idiomática *de coração*, carregada de afetividade, podendo veicular a ideia de sinceridade, franqueza, amor. Essa expressão se desdobra em uma série de padrões colocacionais. Em um desses padrões, *de coração* coocorre com as lexias *benção/abençoar*, ora com função substantiva, ora com função verbal, respectivamente. Quando ocorre como verbo, tem-se o ato de abençoar enunciado pelo Papa, resultando na colocação *abençoar de coração*:

- (1) Agradeço-vos as orações com as quais vós acompanhais o meu serviço à Igreja. Também eu rezo por vós, e *abençoovos de coração*. Muito obrigado!

Essa benção não é uma benção qualquer, mas é carregada de sinceridade depositada no fundo, no íntimo do *coração*. Quando aparece na forma substantiva, temos a *benção de coração*. Nesse caso, a proteção divina seria evocada por meio de colocações verbais, tais como *conceder, derramar, desejar, invocar e dar*:

- (2) Garanto-vos a minha recordação na oração e confio na vossa, enquanto de *coração* vos *concedo a Bênção Apostólica*.

Outros padrões significativos formaram-se pela expressão *de coração*, associada ao verbo *agradecer* e ao adjetivo *obrigado*, dando origem às colocações *agradecer de coração e obrigado de coração*:

- (3) *Agradeço-vos de coração* o esmero, o profissionalismo e a disponibilidade com que desempenhais o vosso trabalho.
- (4) Saúdo todos vós e agradeço-vos aquilo que realizais ao serviço da nova evangelização, bem como o trabalho desempenhado no Ano da fé. *Obrigado de coração!*

Novamente, entendemos que a gratidão do Santo Padre é demonstrada de forma genuína. É dita de forma franca, pois sua fonte é o próprio *coração*. A ideia de franqueza expressa por *de coração* se revela ainda em colocações verbais a exemplo de: *ouvir de coração, falar de coração, pedir de coração, acompanhar de coração, confessar de coração, saudar de coração, dar boas vindas de coração, servir de coração, desejar de coração, invocar de coração, fazer votos de coração* etc.

A metáfora do recipiente também é percebida em expressões idiomáticas *de coração aberto* e *abrir o coração*. Ao interpretar algumas ocorrências do *corpus*, podemos entender o *coração* como um espaço/fonte de acolhida, de abrigo e de refúgio que desfruta de entrada ou de mecanismo de abertura, bem como de saída ou de dispositivo de fechamento:

- (5) Queridos jovens, levamos as nossas alegrias, os nossos sofrimentos, os nossos fracassos para a Cruz de Cristo; encontraremos um *Coração aberto* que nos compreende, perdoa, ama e pede para levar este mesmo amor para a nossa vida, para amar cada irmão e irmã com este mesmo amor.

- (6) O Povo Santo de Deus continua a falar: precisamos de alguém que vigie do alto; precisamos de alguém que olhe para nós com a *abertura de coração* de Deus.

*Abrir o coração é abrir-se a Deus, é abrir-se aos outros.* Nos exemplos analisados, a carga semântica dessa expressão se mostra altamente positiva. Um *coração aberto* é um *coração virtuoso*. Nele, só coisas boas adentram:

- (7) Abrir-se a Deus e abrir-se aos outros. Dar alguns passos além de nós mesmos; pequenos passos, mas dai-os. Pequenos passos, saindo de vós mesmos rumo a Deus e aos outros, *abrindo o coração à fraternidade, à amizade, à solidariedade*.

Um *coração* que se abre a Deus deixa de ser um *coração fechado, retraído, insensível*. Deixa também de ser um *coração corrupto* e passa a ser um *coração aberto ao amor divino e à comunhão com Deus*:

- (8) Há poucas coisas mais difíceis do que *abrir uma fresta num coração corrupto*: “Isso é o que acontece com aqueles que juntam riquezas para si mesmos, mas para Deus não são ricos” (Lc 12, 21).
- (9) O sacerdote e o levita que passaram antes do Bom Samaritano não souberam aproximar-se daquela pessoa maltratada pelos bandidos. *O seu coração estava fechado*.
- (10) Aquele que se confia ao amor de Deus sabe *abrir o coração* dos outros ao amor divino para lhes mostrar que a vida em plenitude só se realiza em comunhão com Deus.

Pelas expressões apresentadas, começamos a delinear os contornos do recipiente que é o *coração*. Ele tem porta e portal. Por isso, pode se encontrar aberto, fechado ou com apenas uma fresta disponível. Pode ser visto como um recipiente delineado, contornado, delimitado, podendo apresentar-se completamente sem espaço ou até mesmo totalmente vazio:

- (11) Confio na vossa oração: batei à *porta do Coração* de Jesus, para que Ele envie sacerdotes.
- (12) Aprendi que para ter acesso ao Povo Brasileiro, é preciso ingressar pelo *portal do seu imenso Coração*.
- (13) A doença do acumular, ou seja, quando o apóstolo procura preencher um *vazio existencial no seu coração* acumulando bens materiais, não por necessidade, mas apenas para se sentir seguro.
- (14) Ao rebanho serve *encontrar espaço no coração do Pastor*. Se isto não estiver firmemente ancorado em si mesmo, em Cristo e na sua Igreja, será continuamente agitado pelas ondas em busca de compensações efêmeras e não oferecerá abrigo algum ao rebanho.

O *coração* como recipiente fica mais evidente ainda quando se nota a possibilidade de mensurar o que se põe dentro nele, como *alegria, vontade, verdade e beleza*:

- (15) Senhor Presidente, de novo exprimo a minha gratidão a Vossa Excelência e seus colaboradores por este encontro, que *enche o meu coração de alegria*.

- (16) [...] *infundir no coração* dos africanos, que são discípulos de Cristo, a vontade de se comprometerem efetivamente a viver o Evangelho na sua existência [...].

- (17) [...] nunca atraíçoe a tarefa primária da escuta e do diálogo, fundado sobre identidades claras, na busca apaixonada, paciente e rigorosa da *verdade e da beleza, derramadas* pelo Criador *no coração* de cada homem e mulher e realmente visíveis em qualquer expressão religiosa autêntica.

O *coração* tem profundidade suficiente para ser preenchido com *reconhecimento e gratidão*; para se *instilar o bem*; para *derramar bênçãos* e para se *alastrar a alegria*. A metáfora do *coração* recipiente é reforçada em combinações que se originam em torno da combinação *no coração*. A metáfora evidencia-se principalmente pela preposição *no*, cuja semântica pode indicar a noção de interior de/dentro de. Desse modo, temos colocações do tipo: *acontecer no coração, estar no coração, manter no coração, ter no coração, trazer no coração, inscrever no coração, ressoar no coração, infundir no coração, penetrar no coração, conservar no coração, guardar no coração, sentir no coração, gravar no coração, acolher no coração* etc.

### O coração é terra

Entendemos a metáfora o *coração é terra* como uma extensão da metáfora do recipiente. O fundo deste é uma superfície fértil, onde muitas coisas boas podem ser semeadas. A metáfora se manifesta em expressões linguísticas como *o coração é uma terra boa, é feito para o grão, Deus semeou no coração*:

- (18) Quando *o nosso coração é uma terra boa* que acolhe a Palavra de Deus, quando “se sua a camisa” procurando viver como cristãos, nós experimentamos algo maravilhoso: nunca estamos sozinhos, fazemos parte de uma família de irmãos que percorrem o mesmo caminho; somos parte da Igreja.
- (19) *O coração humano é feito para o grão*, foi o inimigo que às escondidas lançou a má semente. O tempo do joio está já irrevogavelmente estabelecido.
- (20) Deus *semeou no vosso coração a vocação ao amor*, porque Deus é amor. E esta é a vossa vocação, dos pais: o amor. Mas pensai sempre nas crianças, pensai sempre nelas!

Na terra boa, que é o *coração*, brota o amor, a humilde, o sofrimento que vale a pena:

- (21) Em síntese: a busca da paz possível. Vós fecundais este patrimônio ético com a caridade, *o amor* divino que *brota do coração de Cristo*.

- (22) *A humildade* de Cristo é real, é a escolha de ser pequeno, de estar com os pequeninos, com os excluídos, de estar entre nós, todos os pecadores. Atenção, não é uma ideologia! É um modo de ser e de viver que nasce do amor, *nasce do coração* de Deus.
- (23) Era como se dissessem: este é o meu tesouro, este é o meu futuro, este é o meu amor; por ele vale a pena trabalhar, por ele vale a pena sofrer. É um gesto original, mas *nascido do coração*.

No entanto, se essa terra for descuidada, será tomada por ervas daninhas, podendo perder a sua fertilidade e tornar-se árida e rochosa:

- (24) Em meu coração, tenho o hábito de jogar em dois papéis: fazer bela figura com Deus e fazer bela figura com o diabo? O hábito de querer receber a semente de Jesus e, ao mesmo tempo, irrigar os espinhos e as *ervas daninhas que nascem no meu coração*?
- (25) Maria é mãe, socorre-nos sempre: quando trabalhamos e quando estamos à procura de trabalho, quando temos as ideias claras e quando estamos desorientados, quando a oração brota de forma espontânea e quando o *coração está árido*: Ela está sempre pronta para nos ajudar.

### O coração é fonte da razão

Conforme aponta Barbosa (2014), a dicotomia *razão* vs. *emoção* em que habitualmente se colocam o *cérebro/cabeça/mente* e o *coração*, respectivamente, pode ser contestada, já que o *coração* também é visto como fonte da razão.

A autora acredita que essa dicotomia provavelmente encontre bases antigas na cultura ocidental, já que os pensadores ocidentais atribuíam crenças e ideias à *mente* e desejos e emoções ao *coração*. Com base nos resultados a que chegou em sua pesquisa, a autora afirma que, apesar dessa convenção consagrada, o *coração* envolve ambos – pensamento e sentimentos. A seguir, apresentamos alguns trechos dos discursos que fazem parte de nosso *corpus*. O coração é fonte da razão visto que é nele e não no cérebro que ponderações, pensamentos, interrogações e meditações podem ser feitas. Assim como na metáfora *o coração é terra*, a metáfora *o coração é fonte da razão* também decorre da metáfora do recipiente:

- (26) Pensei nesta reunião e agora ofereço-vos pensamentos simples sobre alguns aspectos, diria existenciais, a propósito do vosso ser Representantes Pontifícios. Trata-se de aspectos sobre os quais *ponderei no meu coração*, principalmente pensando em colocar-me ao lado de cada um de vós.
- (27) *Cada um no seu coração pense*, pensai nas experiências de falência que experimentastes, pensai.
- (28) Amados Representantes Pontifícios, estes são apenas alguns *pensamentos que brotam do meu coração* e que pensei antes de os escrever: desta vez fui eu que os escrevi! Pensei muito e rezei.

Estas e outras expressões linguísticas metafóricas parecem corroborar a ideia de que o *coração* é também considerado fonte do saber, do pensamento, do conhecimento e da razão. É provavelmente esta crença que motivou a criação, de longa data, e em várias línguas, da expressão idiomática com a lexia *coração* como fonte do conhecimento, da sabedoria ou da razão. É o caso, por exemplo, das expressões: portuguesa – *saber de cor* (do latim *cor – cordis* = coração); francesa – *savoir par coeur*; inglesa – *to know by heart*.

### O coração é inflamável

O *coração* é um objeto inflamável. No entanto, sua chama não danifica, tem efeito altamente positivo:

- (29) Espírito chegou primeiro: ele lia o profeta Isaías e não compreendia, mas o *coração ardia*. Assim, quando Filipe se aproxima, ele está preparado para a catequese e para o Batismo.
- (30) Os ministros do Evangelho devem ser capazes de *aquecer o coração das pessoas*, de caminhar na noite com elas, de saber dialogar e mesmo de descer às suas noites, na sua escuridão, sem perder-se.
- (31) Desce já a noite sobre a nossa assembleia. É a hora em que de bom grado se regressa a casa para se reunir à mesma mesa na consistência dos afectos, do bem feito e recebido, dos encontros que *abrasam o coração* e o fazem crescer, vinho bom que antecipa, nos dias do homem, a festa sem acaso.
- (32) Jesus deu *calor ao coração* dos discípulos de Emaús.
- (33) Nestes dias, Ele lhe espera: na Palavra; escute-O com atenção e a presença d'Ele entusiasmará o *seu coração será inflamado* pela sua presença;
- (34) Pobres entre os pobres, mas com o *coração ardente*. Nunca parados, sempre a caminho. Juntos e enviados, também quando estais sós, porque a consagração faz de vós uma centelha viva de Igreja. Sempre a caminho com aquela virtude que é uma virtude peregrina: a alegria!

Observa-se que um *coração inflamado* é um *coração vivo, tomado pela fé*. É o oposto de um *coração gelado, frio, insensível, indiferente, amargurado*, enfim, *de um coração de pedra*.

### Coração: origem-percurso-meta

Identificamos expressões linguísticas que se configuram na metáfora origem-percurso-meta. Em nosso *corpus*, o *coração* é ponto de partida. A semântica de verbos como *nascer, desprender, vir* nos dá a ideia de que do *coração* partem coisas, como modos de viver, energia, palavras:

- (35) A humildade de Cristo é real, é a escolha de ser pequeno, de estar com os pequeninos, com os excluídos, de estar entre nós, todos pecadores. Atenção, não é uma ideologia!

É um modo de ser e de viver que nasce do amor, *nasce do coração de Deus*.

- (36) Cristo abre espaço para eles, pois sabe que *energia* alguma pode ser mais potente que aquela que se *desprende do coração* dos jovens quando conquistados pela experiência da sua amizade.
- (37) Esqueci de vos dizer que agora entregarei o discurso escrito. Eu conhecia as vossas perguntas, e escrevi alguma coisa sobre as vossas perguntas; mas não é o que disse, isto *veio-me do coração*; e entrego ao encarregado o discurso, e tu dá-lo-ás a conhecer.

Além de origem, o *coração* também é meta, é ponto de chegada, como notamos nos exemplos abaixo:

- (38) É preciso saber indicar e levar Cristo, partilhando estas alegrias e esperanças, como Maria que *trouxe Cristo ao coração* do homem;
- (39) Muitas vezes *vem ao coração* aquela pergunta angustiada de Dostoiévski: por que sofrem as crianças?
- (40) Espero que possais anunciar a todos a misericórdia de Jesus, fazendo «oratório» em todos os lugares, especialmente nos mais impenetráveis; *levando ao coração* o estilo oratoriano de Dom Bosco e olhando para horizontes apostólicos cada vez mais amplos.
- (41) O mundo inteiro tinha reconhecido no Papa João um pastor e um pai. Era pastor porque era pai. O que o tinha tornado tal? Como pôde *chegar ao coração* de pessoas tão diferentes, até de muitos não-cristãos?
- (42) A tua informação *desce ao coração*, comove-o e realiza-se.

A preposição *ao*, com ideia de movimento e direção, reforça a metáfora do *coração* como meta.

### O coração é centro

Em nossa investigação, outras expressões linguísticas metafóricas nos apresentam o *coração* como o centro:

- (43) Cristo é o Pastor da Igreja, mas a sua presença na história passa através da liberdade dos homens: um deles é escolhido para servir como seu Vigário, Sucessor do Apóstolo Pedro, mas Cristo é o centro. Não o Sucessor de Pedro, mas Cristo. Cristo é o centro. Cristo é o ponto fundamental de referimento, *o coração da Igreja*.
- (44) Não esqueçais isto: a misericórdia é *o coração do Evangelho*! É a boa nova que Deus nos ama, que ama sempre o homem pecador, e com este amor o atrai a si e o convida à conversão.
- (45) Muitas pessoas que vêm visitar *o coração da Roma* cristã com frequência dirigem-se a vós. Que cada um se possa sentir ajudado e guardado pela vossa presença e pela vossa solicitude.
- (46) Santo Inácio de Loyola quis que houvesse um espaço para receber os pobres nos locais onde tinha a sua residência em Roma, e o Padre Arrupe, em 1981, fundou o Serviço

jesuíta aos Refugiados, e quis que a sede romana fosse nesses locais, no *coração da Cidade*.

Pela interpretação dos exemplos, notamos o *coração* como ponto principal, fundamental, de maior importância, destaque ou relevância.

### O coração é o próprio Homem

Em determinados casos, o *coração* é metonímico. É uma parte do ser humano que acaba por representá-lo como um todo. A metonímia é identificada principalmente nas colocações adjetivais (*coração puro, coração missionário, coração alegre, coração simples e coração despojado*), referindo-se ao homem puro, ao homem missionário, ao homem alegre, simples e despojado de interesses mundanos. Os adjetivos caracterizam uma parte, o *coração*, mas tal caracterização se estende ao todo, ao próprio ser.

- (47) A comunidade cristã é chamada a ser coerente com o seu testemunho das virtudes da honestidade e da integridade, a fim de podermos estar diante do Senhor e do nosso próximo com as mãos limpas e o *coração puro* (cf. Sl 24, 4), como fermento do Evangelho na vida da sociedade.
- (48) Agora peço-vos, a todos, que rezeis a Nossa Senhora, que experimentou esta experiência de conservar sempre o vigor do primeiro encontro com Deus, de ir em frente com humildade, mas sempre a caminho, respeitando o tempo das pessoas. E depois também nunca vos canséis de ter este *coração missionário*.
- (49) Estou bastante cansado, mas com o *coração alegre*, e estou bem, muito bem; fez-me bem espiritualmente.
- (50) Deus que se revela a quem tem o *coração simples*, aos pequeninos, aos humildes, a quem nós consideramos muitas vezes últimos, também a vós, queridos amigos: quando não consegue adormecer aquele jovem brinca com o seu Anjo da Guarda; é Deus que desce para brincar com ele.
- (51) É dom, responsabilidade, unidade: ser seu sacramento configura a nossa missão. Exige um *coração despojado* de todo o interesse mundano, distante da vaidade e da discórdia; um coração acolhedor [...].
- Além de metonímicas, algumas expressões do *corpus* mostram o *coração* personificado, conferindo-lhe atributos que são próprios da humanidade:
- (52) Possa ser também uma expressão da nossa esperança no advento do Reino, cuja beleza, harmonia e paz constituem a *expectativa de cada coração* humano e a inspiração das aspirações artísticas mais excelsas da humanidade.
- (53) Durante estes dias, enquanto meditais acerca da complementaridade entre homem e mulher, exorto-vos a dar evidência a mais uma verdade, relativa ao matrimónio: ou seja, que o compromisso definitivo em relação à solidariedade, à fidelidade e ao amor fecundo corresponde às *aspirações mais profundas do coração humano*.

(54) Esta capacidade de empatia leva a um encontro genuíno – devemos caminhar para esta cultura do encontro – no qual o *coração fala ao coração*.

(55) Precisamente quando o *coração consegue pôr a si mesmo a perguntar e chorar*; então podemos compreender qualquer coisa. Há uma compaixão mundana que para nada serve! Uma compaixão que, no máximo, nos leva a meter a mão na carteira e dar uma moeda.

Assim, conforme atestam os exemplos, o *coração* personificado tem expectativas, aspirações, fala, se interroga e chora. São atribuídas a ele qualidades e competências próprias dos seres humanos. O *coração* representa o Homem em sua totalidade.

### Considerações finais

Neste trabalho, identificamos e analisamos as metáforas conceituais que emergem de fraseologismos que têm como núcleo a palavra *coração*, presentes nos discursos do Papa Francisco, proferidos no período de 2013 a 2015, os quais compõem nosso corpus de estudo. Para tanto, valemos-nos do diálogo interdisciplinar de áreas como a Linguística de Corpus, a Fraseologia e a Semântica Cognitiva.

Por meio das ferramentas disponibilizadas pelo programa *WordSmith Tools*, extraímos exemplos do *corpus* e os organizamos em metáforas conceituais. As metáforas ontológicas foram as mais representativas, resultando em metáforas conceituais do tipo: *o coração é um recipiente*, *o coração é terra*, *o coração é fonte da razão*, *o coração é inflamável*, *o coração é centro* e *o coração é origem-percurso*. Vale ressaltar que, embora tenhamos separado as metáforas em distintos tipos, elas estão, em muitos casos, imbricadas. Como vimos, o *coração é terra* e o *coração é fonte razão* são extensões da metáfora *o coração é recipiente*. De forma análoga, a metáfora *o coração é origem-percurso* também está relacionada à metáfora *o coração é recipiente*, visto que de seu interior partem muitos sentimentos e emoções.

Observamos, ainda, expressões em que o *coração* é metonímico, representando o próprio Homem, além de casos de personificação, em que ao *coração* são atribuídas qualidades próprias dos seres humanos. Dos fraseologismos analisados, pudemos depreender, especialmente no caso das metáforas do recipiente, que o *coração* é também um berço de emoções. Emoções como *sinceridade*, *gratidão*, *franqueza*, *alegria*, *amor*, *humildade*, *generosidade*, *entusiasmo* etc. estão intimamente vinculadas a ele. Foi possível detectar também que o *coração* é fonte de metáforas que expressam tanto emoções positivas (como *amor*, *bondade*) quanto negativas (como *indiferença*, *insensibilidade*, *frieza*), embora este último tipo tenha tido menor destaque nos discursos do Papa, com pouquíssimas ocorrências, o que sugere que o discurso do Sumo Pontífice é orientado para o caminho do amor e da bondade, e não do medo, da amargura, do ódio ou da vingança.

Observou-se, ainda, que a lexia *coração* pode dar origem a metáforas voltadas ao pensamento, ao conhe-

cimento, à razão – o que parece contrariar a convenção popular de que a *mente* está para a *razão*, assim como o *coração* está para a *emoção/sentimento*.

O estudo das metáforas em uma visão cognitivista auxilia na compreensão de como as comunidades linguísticas pensam, vivem, interpretam e categorizam a realidade, já que as manifestações metafóricas refletem circunstâncias históricas, culturais, valores morais, espirituais, costumes e aspectos idiossincráticos de um povo. Com isso, pode sinalizar como se dá a organização do sistema conceitual de um povo.

Em uma perspectiva contrastiva, o estudo das metáforas abre espaço para investigações envolvendo dois ou mais sistemas linguísticos, possibilitando a comparação das realizações metafóricas entre as línguas, na busca por igualdade, semelhanças e diferenças. Nesses termos, é relevante tanto na esfera do Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras, quanto no âmbito da Tradução.

### Referências

- ANTHONY, L. 2014. *AntConc* (Version 3.4.4). Tokyo, Waseda University. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software>. Acesso em: 05/07/2015.
- BARBOSA, T.M. 2014. *Estudo contrastivo de emoções em expressões idiomáticas corporais do italiano e do português brasileiro: uma vertente cognitivista*. São José do Rio Preto, SP. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista, 197 p.
- BERBER SARDINHA, A.P. 2004. *Linguística de corpus*. Barueri, Manole, 410 p.
- CORPAS PASTOR, G. 1996. *Manual de fraseologia espanhola*. Madrid, Gredos, 279 p.
- FELTES, H.P. de M. 2007. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre, Editora PUCRS, 392 p.
- HALLIDAY, M. 1991. Corpus studies and probabilistic grammar. In: K. AIJMER; B. ALTENBERG (eds.), *English corpus linguistics: studies in honour of Jan Svartvik*. London, Longman, p. 30-43.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. 1980. *Metaphors we live by*. Chicago, The University Press of Chicago, 256 p.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. 1999. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York, Basic Books, 640 p.
- ORTÍZ ALVAREZ, M. 2000. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do Espanhol de Cuba: Estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. Campinas, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 334 p.
- PÉREZ, R.G. 2008. A cross-cultural analysis of heart metaphors. *Revista Alicantina de Estudos Ingleses*, p. 25-56.
- RUIZ GURILLO, L. 1997. *Aspectos de fraseología teórica española*. Valencia, Cuadernos de Filología, 140 p.
- SANCHEZ, A. 1995. Definición e historia de los corpus. In: A. SANCHEZ; R. SARMIENTO; C. PASCUAL; J. SIMÓN (eds.), *CUMBRE. Corpus lingüístico del español contemporáneo. Fundamentos, metodología y análisis*. Madrid, SGEL, p. 7- 25.
- SINCLAIR, J. 1991. *Corpus, concordance and collocation*. Oxford, Oxford University Press, 179 p.
- SCOTT, M. 2012. *WordSmith Tools: version 6.0*. Liverpool, Lexical Analysis Software.
- TOGNINI-BONELLI, E. 2001. *Corpus linguistics at work*. Amsterdam, John Benjamins, 223 p. <https://doi.org/10.1075/scl.6>
- ZULUAGA, A. 1980. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt, Peter D. Lang, 278 p.

Submetido: 23/02/2017

Aceito: 27/04/2018